



Editorial

Dossiê – Teorias da religião

A natureza e o lugar da teoria no estudo da(s) religião(ões)

Steven Engler*

Este dossiê especial da *Horizonte* aborda uma questão de importância central para o estudo da(s) religião(ões). O presente editorial, por sua vez, elenca uma série de pontos com o objetivo de ilustrar a gama de questões relevantes para a discussão das teorias da religião. Essa lista não é exaustiva e o espaço não permite uma análise mais aprofundada. Trata-se também de uma lista pessoal que muitas vezes ecoa as minhas próprias intervenções em debates metateóricos, assim como as de meu amigo e colaborador Michael Stausberg.

Uma série de distinções – relativas e sugestivas – fornece um sentido geral da paisagem metateórica.

Em primeiro lugar, é preciso distinguir entre teorias úteis para o estudo de fenômenos religiosos neste ou naquele contexto particular e teorias especificamente *da* ou *sobre* a religião. O último apresenta cinco tipos de perguntas:

1. A religião vista como objeto: que reflete sobre o próprio conceito de “religião” e sobre questões relacionadas ao status ontológico e epistêmico do suposto objeto da disciplina.
2. A especificidade da(s) religião(ões): que pode ser especial ou único na religião.
3. A origem da(s) religião(ões): fatores que contribuem para estabelecer as propriedades específicas da religião... [como] distinto desde “começos”... [e] a genealogia histórica da categoria “religião”.
4. As funções da(s) religião(ões) com sensibilidade a questões filosóficas e metodológicas a fim de evitar teorias funcionalistas simplistas.

Editorial traduzido pelo Prof. Dr. José Martins Dos Santos Neto e revisado pelo autor.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Concordia, em Montreal. Professor de Estudos da Religião (*Religious Studies*) da Universidade Mount Royal. País de origem: Canadá. E-mail: sjengler@gmail.com/ sengler@mtroyal.ca

5. A estrutura da(s) religião(ões): se, como e possivelmente também por que... elementos (aspectos, dimensões, componentes, padrões recorrentes ou blocos de construção) se unem, são partes de construções e atribuições conjuntas, sejam elas interdependentes (e, em caso afirmativo, como) ou apenas montagens arbitrárias. (STAUSBERG, 2009b, p. 3–6; STAUSBERG; ENGLER, 2016, p. 56–65).

Esse foco nas teorias da religião é de vital importância para nossa disciplina. Portanto, se discute aqui a teoria em termos mais gerais e minha contribuição para este dossiê especial (ENGLER, 2019).

É importante reconhecer tanto as teorias laicas quanto as acadêmicas: “os acadêmicos não são de forma alguma o único grupo de pessoas a pensarem a religião. Conjuntos de proposições gerais ou teoremas que interpretam e explicam a religião são iludidos de modo particular em pensamentos e conversas permeando a esfera pública, incluindo a mídia e a política” (STAUSBERG, 2009b, p. 7). As teorias acadêmicas tendem a colocar “mais ênfase na coerência, consistência, formalidade, explicitação e na causalidade..., nos pressupostos explícitos e refletidos, na racionalidade, na exposição a críticas mútuas, na sensibilidade aos dados, na validade e na confiabilidade dos dados e testabilidade. Além disso, as teorias acadêmicas aspiram a um grau maior de complexidade” (STAUSBERG, 2009b, p. 8).

O contexto disciplinar é importante também. Devemos distinguir entre, por um lado, o estudo da(s) religião(ões) (ciência(s) da religião, *religious studies*, *sciences religieuses*, *religionswissenschaft*) e, por outro lado, as disciplinas distintas que compartilham um foco substantivo na religião (a teologia, juntamente com a filosofia da religião, sociologia da religião, antropologia da religião, psicologia da religião, etc.). Como afirmo em minha contribuição para este dossiê especial, a identidade disciplinar do estudo da(s) religião(ões) se baseia em muito mais do que aquilo que estudamos e como estudamos (ver ENGLER; STAUSBERG, 2011). Como argumentei em outro lugar, “o papel da teoria no estudo acadêmico varia de acordo com os contextos históricos, nacionais e institucionais”, e as diferenças disciplinares são centrais aqui (ENGLER, 2005). Meu foco neste editorial está na teoria em uma disciplina específica, o estudo da(s) religião(ões).

Mesmo correndo o risco de ser polêmico, é importante reconhecer que alguns estudiosos da religião se preocupam com a teoria, mas muitos não. Este dossiê especial para a revista *Horizonte* representa uma perspectiva minoritária. Como Michael Stausberg (2009b, p. 1) sublinhou, “o estudo da(s) religião(ões) parece ser caracterizado por uma aversão à teoria”. Stausberg sugere quatro razões para a “relutância dos estudiosos da religião em se envolverem com as teorias da religião”:

Primeiramente, a teoria geralmente não é enfatizada nos programas de estudos religiosos, nem é considerada uma porta de entrada comum e promissora para uma carreira acadêmica. Em segundo lugar, muitos estudiosos da religião podem achar que o próprio termo “religião” é demasiadamente remoto e desligado de seu trabalho diário para vir a ser percebido como algo envolvente. De modo semelhante, historiadores e cientistas sociais tendem a deixarem de lado questões como “o que é história” e “o que é sociedade” para os filósofos. Em terceiro lugar, os estudiosos que trabalham com métodos empíricos muitas vezes lutam para chegar a lidar com a complexidade dos fenômenos. A redução necessária da complexidade e confusão da realidade que é pressuposta e alcançada ao construir teorias da religião – seu distanciamento necessário de contextos específicos, dados e seres humanos concretos – pode parecer irrelevante para o tipo de trabalho que normalmente se realiza, além de ser distorcida e “reducionista”. Por último, mas não menos importante, certos avanços intelectuais das últimas décadas, vagamente ligados ao pós-modernismo ou a rótulos similares, contribuíram para levantar suspeitas sobre o próprio projeto da teoria e do conceito de “religião” como área de assunto de teorias potenciais da religião. (STAUSBERG, 2010, p. 224–225).¹

Até certo ponto, a atenção à teoria aumentou bastante nas duas últimas décadas, pelo menos em se tratando da América do Norte e da Europa (ver ENGLER, 2004). Os concursos de emprego mencionam cada vez mais o valor de conhecimento em teoria. No entanto, esses acenos para a teoria costumam parecer uma conversa vazia: minha impressão é que a maioria dos estudiosos das Ciências da Religião continua com visões ingênuas e desatualizadas da natureza e do lugar da teoria. E algumas subdisciplinas – por exemplo, o estudo de novos movimentos religiosos – permanecem resistentes à teoria, com base em uma visão equivocada de que um trabalho descritivo *puro* é possível e desejável. Felizmente, este dossiê especial contribuirá para discussões mais defensáveis do trabalho com teoria na nossa disciplina.

¹ Ver também Stausberg (2009a, p. 12–14).

É útil fazer uma distinção entre teorias desenvolvidas por estudiosos da religião e os trabalhos teóricos importados de outras disciplinas. Aqui, por exemplo, é a lista dos estudiosos discutidos a terceira edição do livro de Daniel L. Pals, intitulado *Nine Theories of Religions* (2014), um livro comumente usado nas salas de aula norte-americanas: E. B. Tylor / J.G. Frazer, Sigmund Freud, Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, Willian James, Mircea Eliade, E. E. Evans-Pritchard e Clifford Geertz.

Nessa lista, Eliade é o único estudioso da(s) religião(ões) no sentido disciplinar. A publicação mais útil sobre teorias da religião até o momento, Stausberg's *Contemporary Theories of Religion* (2009a), inclui apenas três teorias de estudiosos da(s) religião(ões) entre as dezessete que são discutidas.² O estudo da(s) religião(ões) continua a se basear principalmente em outras disciplinas para suas abordagens teóricas. Isso permanece um constrangimento: não somos, supostamente, os especialistas nessa área? Levando-se em conta que estudiosos da(s) religião(ões) vêm realizando um trabalho teórico valioso nas últimas décadas, permanece em aberto a questão se esse trabalho provará seu valor ao ponto que estudiosos de outras disciplinas passem a importá-lo e a utilizá-lo.

É essencial distinguir entre níveis de teoria. Em minha contribuição para este dossiê especial, defendo uma visão que vê a relação entre dados e teoria como um espectro que vai de extremos mais empíricos aos mais abstratos. No mínimo, é útil distinguir entre “abordagens teóricas, ideias teóricas, e teorias”, refletindo “graus de generalização e de explicação” (STAUSBERG, 2009b, p. 9). Uma vez que reconhecemos a distinção entre diferentes níveis da teoria, em termos gerais.

Existem dois tipos de teorias: aqueles que aplicam um aparato teórico (cognição, evolução, sistemas sociais, etc.) à religião; e aqueles que tentam elaborar um aparato teórico baseado no estudo de fenômenos supostamente religiosos. O primeiro é de cima para baixo, objetivando uma explicação geral, enquanto o segundo, de baixo para cima, busca inicialmente explicar ou interpretar um determinado conjunto de fenômenos empíricos. Este último tipo [...] resulta em teorias mais características da disciplina, em oposição a aplicações descendentes de perspectivas teóricas mais gerais. (STAUSBERG; ENGLER, 2016, p. 55).

² Há uma coleção anterior de contribuições à teoria no estudo de religião(ões) – também situada em uma revista brasileira –, veja a edição especial da *Rever: Revista de Estudos da Religião*, que editei (ENGLER, 2005). Ao contrário do livro de Stausberg, o foco era mais amplo que as teorias da religião.

Isso se relaciona a outras distinções. Em primeiro lugar, é mais útil pensar na teorização como um processo dinâmico de gerar conceitos, categorias, teorias e outros dispositivos analíticos, do que pensar na teoria como um quadro conceitual estático a ser aplicado aos dados. Eu desenvolvo esse ponto em minha contribuição (ver também ENGLER; GARDINER, no prelo). Em segundo lugar, estudiosos da(s) religião(ões) tendem a se apropriarem de conceitos de trabalhos publicados, aplicando-os aos seus dados ou casos; porém, muitas vezes é mais útil construir a teoria a partir de uma análise minuciosa dos dados, usando, por exemplo, teoria fundamentada (ENGLER, 2011). Em terceiro lugar, em contraste com uma abordagem que tenta aplicar um único quadro teórico coerente à interpretação de um caso, pode ser útil usar recursos teóricos de modo mais tático, usando o que chamei de “bordado teórico” [*theoretical appliqué*]:

[...] uma abordagem de retalhos da teoria que usa diferentes amostras conceituais para evocar - em vez de desenvolver rigorosamente - um *design* interpretativo mais amplo... [trabalhando] com elementos de diferentes perspectivas teóricas, justapostos de uma maneira que seja responsiva ao caso, não imposta de cima, como um molde ou lente. (ENGLER, 2018, p. 18-19).

Finalmente, e talvez mais basicamente, as discussões sobre a teoria começam de modo geral com a ideia de que a teoria é de algum modo oposta à prática. Essa visão aparece de modos variados: a comparação abstrata entre a teoria como forma e a prática como conteúdo; a visão negativa de que a teoria consiste em abstração vazia de pouca relevância para o trabalho “real”, que se resume a casos; ou a visão positiva de que a prática é cega, a menos que seja guiada pela teoria.

Todas essas três visões se fundamentam em uma premissa falha: a de que a teoria se distingue nitidamente da prática. A falácia dessa suposição pode ser percebida de três modos. Primeiramente, como discuto em minha contribuição, não podemos distinguir nitidamente entre dados e teoria: os dados sempre pressupõem teorização anterior e a teoria, por sua vez, pode servir como dados para discussões metateóricas. Podemos perguntar a um estudioso por que ele exerce sua prática, e sua resposta – ou silêncio – fica assombrada pela teoria e pelas abstrações sobre a natureza do que está estudando, por que está

estudando, quais os resultados que espera alcançar e qual o valor de todo o processo de sua pesquisa. A tentativa de distinguir teoria da prática reduziu-se a uma mudança relativa de foco, de aspectos mais abstratos para outros mais empíricos de pesquisa. Essa distinção tem valor heurístico e pedagógico, mas é mais bem representada em termos de um espectro de visões, não uma distinção nítida. Finalmente, um dos argumentos mais persuasivos da filosofia da linguagem do século XX – de W. O. Quine, Donald Davidson e outros – é que uma distinção nítida entre sintético e analítico, entre esquema (ou forma) e conteúdo, é insustentável. Isso relativiza a distinção entre dados e teoria (ENGLER, 2011, p. 266) e, juntamente com ela, a distinção entre prática e teoria.

Em suma, teoria e prática são separáveis na teoria, mas não na prática (ironia pretendida). Ou seja, podemos fazer uma divisão analítica entre os dois por uma questão de argumento, mas eles são necessariamente agrupados no processo de pesquisa real. Certamente, eu estaria me contradizendo se o contrário não fosse igualmente válido: teoria e prática são separáveis na prática, mas não na teoria. Ou seja, pensar nos dois como separados pode nos ajudar a navegar pelos detalhes do processo de pesquisa e é útil na sala de aula; mas a reflexão meta-teórica sublinha a sua inseparabilidade.

Espero que esta breve e seletiva visão geral sirva como um lembrete de que a teoria não deve ser tomada como pressuposta. Discussões sobre a natureza e o lugar da teoria no estudo da(s) religião(ões) são parte essencial de nossa caixa de ferramentas. Ignorar, minimizar ou marginalizar essas questões meta-teóricas é, na melhor das hipóteses, um sinal da imaturidade de nossa disciplina e, na pior das hipóteses, um sinal de formação acadêmica inadequada. Este editorial oferece alguns passos iniciais em direção a entendimentos mais matizados da teoria. Os leitores encontrarão mais informações nos artigos que compõem este dossiê.

REFERÊNCIAS

ENGLER, Steven. A teoria no seu lugar. **Rever**, São Paulo, v. 5, n. 4, 2005. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2005/index.html. Acesso em: 18 ago. 2019.

ENGLER, Steven. Grounded Theory. *In*: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (ed.). **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. London; New York: Routledge, 2011. p. 256-274.

ENGLER, Steven. Processo de elaboração de teoria: o trabalho com o Espectro Teoria-Dados. Trad. José Martins. **Horizonte**: revista de estudos de teologia e ciências da religião, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 569-588, 2019.

ENGLER, Steven. Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes. **Rever**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 27-42, 2004.

ENGLER, Steven. Theoretical Appliqué and Comparative Contextualization in Cristina Rocha's John of God. **Horizonte**: revista de estudos de teologia e ciências da religião, v. 16, n. 49, p. 223-256, 2018.

ENGLER, Steven; Mark Q. Gardiner. Forthcoming. Theorizing and Concept Work. *In*: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (ed.). **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. London: New York Routledge, 2011.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael. Crisis and Creativity: Opportunities and Threats in the Global Study of Religion/s. **Religion**, v. 41, n. 2, p. 127-143, 2011.

PALS, Daniel L. **Nine Theories of Religion**. 3. ed. Oxford; New York: Oxford University Press, 2014.

STAUSBERG, Michael (ed.). **Contemporary Theories of Religion: A Critical Companion**. London; New York: Routledge, 2009a.

STAUSBERG, Michael. Prospects in Theories of Religion. **Method and Theory in the Study of Religion**, v. 22, n. 4, p. 223-238, 2010.

STAUSBERG, Michael. There is Life in the Old Dog Yet: An Introduction to Contemporary Theories of Religion. *In*: STAUSBERG, Michael (ed.). **Contemporary Theories of Religion: A Critical Companion**. London; New York: Routledge, 2009b. p. 1-21.

STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven. Introduction. *In*: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (ed.). **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. London; New York: Routledge, 2011. p. 3-20.

STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven. Theories of Religion. *In*: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven. **The Oxford Handbook of the Study of Religion**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2016. p. 52-72.